

Intersetorialidade e polarização paradigmática

Denis Domeneghetti Badia
Juan Carlos Aneiros Fernandez¹

Chamados pelos organizadores do Ciclo de Atividades com as Subprefeituras a contribuir com a discussão do tema Intersetorialidade e Qualidade de Vida, na perspectiva de apresentarmos o quadro paradigmático que subjaz ao assunto, isto é, apresentarmos as referências teóricas que dariam forma tanto às práticas mais correntes quanto àquelas que se pretende implementar intersetorialmente, experimentamos um duplo sentimento: em primeiro lugar, uma grande satisfação, pois segundo acreditamos, a única possibilidade de se estabelecerem diálogos passa, necessariamente, pela explicitação das partes quanto ao ponto a partir do qual falam, isto é, a explicitação dos paradigmas; em segundo lugar, uma grande preocupação, que resumimos com a pergunta: “como tratar de uma questão tão crucial e complexa no reduzido espaço disponibilizado para isto?” Simplificações são temerárias, omissões ou ocultamentos não são éticos e nada pode substituir o conhecimento e o prazer que podemos extrair da leitura ou releitura dos textos nos quais nos baseamos e que, evidentemente, recomendamos.

A abordagem da questão paradigmática referente ao tema da intersectorialidade, no nosso entendimento, deve-se referir ao longo período que vai da revolução científica do século XVI aos dias atuais e deve girar em torno da polarização entre o “paradigma clássico” e o “paradigma da complexidade”. Quando tratamos do “mundo das idéias”, freqüentemente encontramos referências cada vez mais anteriores, no entanto, o recorte que propomos enfoca o período da chamada Modernidade, no qual se desenvolvem o Capitalismo e as condições da situação presente a que chamamos contemporaneidade.

Trataremos de confrontar, por um lado, um modo de pensar cuja origem e hegemonia muito se confundem à lógica do Capitalismo² e, por outro, um modo de pensar que vem se construindo a partir de uma combinação de desenvolvimento científico e social e de crítica aos resultados que essa lógica produz sobre os homens e seus agrupamentos nos mais variados níveis.

¹ Denis Domeneghetti Badia, professor do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (Campus de Araraquara) e diretor do Centro Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário (CIPI-FCL-UNESP-CAR).

Juan Carlos Aneiros Fernandez, sociólogo da FFLCH/USP e pesquisador do Cepedoc Cidades Saudáveis.

² Marcuse, 1970.

Procederemos a esse confronto, que é acima de tudo um “colocar lado a lado” para a reflexão, tomando como referência a “Carta da Transdisciplinaridade”, adotada no I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, convento de Arrábida, Portugal, entre 2 e 6 de novembro de 1994, cujo comitê de redação foi composto por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu. A Carta traz como preâmbulo uma série de considerandos que apresentam a polarização paradigmática que pretendemos comentar em benefício da ampliação do diálogo e que, evidentemente, posicionam seus signatários nessa discussão. Segue-se a isso a redação de 15 artigos, que são, segundo nos parece, afirmações de princípios importantes para os que pretendem se ocupar da prática intersetorial.

Antes, porém, de passarmos à Carta da Transdisciplinaridade, é importante que frisemos dois pontos.

O primeiro deles diz respeito a uma relação dinâmica entre os paradigmas, para o que nos utilizamos da metáfora do grande transatlântico criada por Bauman (1999). Grosso modo, nos diz este autor que a modernidade é um grande navio que está passando ao largo, provocando as marolas que ainda deixam balançando os contemporâneos, nós; ainda não é possível vê-lo totalmente, mas temos a certeza de que não estamos mais dentro dele.

O que queremos destacar é que há uma crise paradigmática que decorre da perda do potencial de explicação ou compreensão que esses modelos podem oferecer e que enseja o emprego de novos modelos mais adequados às novas realidades científicas, sociais e políticas. Há, portanto, um período de transição, cujo tempo não podemos prever, entre os modos preponderantes de pensar. É nesse intervalo de tempo que reside parte da nossa dificuldade na implementação de uma prática intersetorial. Os paradigmas são instituições sociais³ e isso significa que estão impregnados na nossa cultura e nos orientam (ou desorientam), estejamos conscientes ou não disso.

Acreditamos que isso ajude a compreender, pois a estrondosa convergência sobre a pertinência da prática intersetorial raras vezes se traduz em ações concretas. O inconsciente nos prega peças. Talvez não baste querer. Talvez seja necessário um ativo reexame das referências teóricas, das práticas, das atitudes e dos valores, e a *Carta da Transdisciplinaridade* pode nos ajudar nisso.

Um segundo ponto, que é o prolongamento do primeiro, corresponde a não imaginarmos ser o caso de retirar de cena um modelo e substituí-lo por outro

³ Bastide, 1979.

para prosseguirmos viagem, como faríamos com um pneu furado. Trata-se tão somente, pelo menos até o ponto que hoje compreendemos, da recondução do paradigma clássico a seus limites.

Carta da Transdisciplinaridade

Preâmbulo

Considerando que a proliferação atual das disciplinas acadêmicas conduz a um crescimento exponencial;

Assim tocamos já em um ponto que vai percorrer a discussão paradigmática em questão, qual seja, a oposição entre separar e juntar. O conhecimento moderno é o do método cartesiano⁴ de separar os elementos de um todo para poder explicá-los a partir das supostas “objetividade científica” e “neutralidade axiológica” (valores) que um “determinismo linear e causal” procura operacionalizar. Expandido para a prática, tal modelo inspira a busca da produtividade e a superespecialização, engendrando, tal como no método, a separação entre sujeito e objeto – o indivíduo e o mundo – e uma burocratização da vida social⁵. Trata-se de um saber fragmentado e parcelar, cujos procedimentos são meras transposições, para o campo dos sistemas cognitivos, da divisão do trabalho e da organização especializada das funções.

Considerando que somente uma inteligência que se dá conta da dimensão planetária dos conflitos atuais poderá fazer frente à complexidade de nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual de nossa espécie;

Temos neste considerando, a proposta contrapartida que aponta para a atenção ao todo⁶. Convida ao uso de uma inteligência que opera com a concepção de razão aberta, que não se identifica com a “razão técnica” do paradigma clássico, pois é enciclopédica, isto é, põe em circuito de saber e aprendizagem, a interdisciplinaridade e a multirreferencialidade, domínios cognitivos até então estanques e organizacionalmente fechados em territórios departamentais. Trata-se de uma razão aberta que dá lugar à ambivalência da experiência humana, à

⁴ Ver R. Descartes, 1987.

⁵ Ver Lapassade, 1977.

⁶ Paula Carvalho, 1990.

subjetividade, à contradição, ao imaginário e ao inacabamento, que mobiliza um permanente refazimento⁷. Pouco importa onde busquemos a eclosão dessa revisão de método. Seja no desenvolvimento científico, sobretudo da biologia e da micro-física⁸, seja no desenvolvimento social e o chamado “verdejar do ser”⁹, que questiona a noção de progresso a partir da vivência de tragédias ambientais no século XX, isto é, na somatória destes e de outros elementos, os princípios¹⁰ da interação ordem/desordem, da recursividade, da holonomia, do *tertium datum*, da auto-organização inserem o pensamento contemporâneo no campo da pluralidade e da inclusão, portanto, diferentemente do “separar para explicar” do paradigma clássico, trata-se aqui de “juntar para compreender”. Assim, na prática, tal modo de pensar é o que vai dar substrato ao desenvolvimento e aplicação das diferentes metodologias participativas hoje em uso, que vão paulatinamente redesenhando nossas relações de poder.

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnocracia triunfante que obedece apenas à lógica assustadora da eficácia pela eficácia; considerando que a ruptura contemporânea entre o saber cada vez mais acumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido leva à ascensão de um novo obscurantismo cujas conseqüências sobre o plano individual e social são incalculáveis;

Com esses dois considerandos, temos a oportunidade de destacar uma importante dimensão da polarização paradigmática, isto é, do desencantamento *versus* o reencantamento do mundo¹¹. Sob o paradigma clássico, regido pelo espírito do capitalismo, temos o entendimento unidimensional do homem produtivo, movido por uma racionalidade prática. Trata-se de uma visão desencantada do mundo, de *homo sapiens*. Esta perspectiva reduz o homem a uma de suas características, empobrecendo-o. Por oposição a isso, o paradigma da complexidade observa um homem multidimensional. Põe lado a lado o racional, o sensível, o afetivo, o vincular e o lúdico¹².

Refere-se também a um reencantamento do mundo, a *homo demens*, visão de homem fundamentada nos traços da neotenia humana¹³, ou seja, no

⁷ Morin & Palmarini, 1978,

⁸ Capra, 2002.

⁹ Castells, 1999.

¹⁰ Morin & Le Moigne, 2000; Morin, 1987 e Morin, 1979.

¹¹ Durand, 1989.

¹² Maffesoli, 1998 e Maffesoli, 1999.

¹³ Lapassade, 1975.

entendimento de que o ser humano é um ser aberto para o mundo, um especialista da não-especialização, um aprendiz por curiosidade ativa, um lúdico-explorador transicional, um ser permanentemente incompleto e inacabado, portanto, um ser do perigo, da álea, do risco, da desordem complexificante, ser ambíguo, ambivalente e críscico. São entendimentos que apontam para posturas diferentes em relação à alteridade, isto é, em relação ao outro. O primeiro, mais fechado e predominante, facilita uma classificação das diferenças como erros, amplificando os impulsos por excluí-las.

Considerando que o crescimento do saber, sem precedentes na história, aumenta a desigualdade entre seus detentores e os que são desprovidos dele, engendrando assim desigualdades crescentes no seio dos povos e entre as nações do planeta; considerando simultaneamente que todos os desafios denunciados possuem sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir a uma mutação comparável à evolução dos humanóides à espécie humana;

Entre outras questões, esses considerandos apontam para a ambivalência do crescimento do saber e, não obstante, o fazem preches de esperança, o que parece ser um elemento crucial na contemporaneidade marcada sobretudo pelas incertezas.

Considerando o que precede, os participantes do I Congresso Mundial da Transdisciplinaridade (convento de Arrábida, Portugal, 02 - 06 de novembro de 1994) adotaram o presente protocolo entendido como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade de espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo signatário deste protocolo faz consigo mesmo, sem qualquer pressão jurídica e institucional.

Os traços da contemporânea polarização paradigmática que, pela necessária brevidade, apenas esboçamos, podem auxiliar o leitor na reflexão acerca dos princípios afirmados nos artigos que seguem, os quais falam por si e, como colocam seus autores, adere-se a eles “sem qualquer pressão jurídica e institucional” quando se pretende aplicá-los na vida.

Artigo 1: Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma mera definição e de dissolvê-lo nas estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível

com a visão transdisciplinar.

Artigo 2: O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica, não se situa no campo da transdisciplinaridade.

Artigo 3: A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4: O ponto de sustentação da transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções através e além das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta por um novo olhar, sobre a relatividade da definição e das noções de “definição” e “objetividade”. O formalismo excessivo, a rigidez das definições e o absolutismo da objetividade comportando a exclusão do sujeito levam ao empobrecimento.

Artigo 5: A visão transdisciplinar está resolutamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.

Artigo 6: Com relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade é multidimensional. Levando em conta as concepções do tempo e da história, a transdisciplinaridade não exclui a existência de um horizonte transhistórico.

Artigo 7: A transdisciplinaridade não constitui uma nova religião, uma nova filosofia, uma nova metafísica ou uma ciência das ciências.

Artigo 8: A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O surgimento do ser humano sobre a Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da transdisciplinaridade. Todo ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, como habitante da Terra, é ao mesmo tempo um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional de um pertencer duplo - a uma nação e à Terra - constitui uma das metas da pesquisa transdisciplinar.

Artigo 9: A transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta com respeito aos mitos, às religiões e àqueles que os respeitam em um espírito transdisciplinar.

Artigo 10: Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possam julgar as outras culturas. O movimento transdisciplinar é em si transcultural.

Artigo 11: Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstração do conhecimento. Deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12: A elaboração de uma economia transdisciplinar é fundada sobre o postulado de que a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13: A ética transdisciplinar recusa toda atitude que recusa o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica. O saber compartilhado deverá conduzir a uma compreensão compartilhada baseada no respeito absoluto das diferenças entre os seres, unidos pela vida comum sobre uma única e mesma Terra.

Artigo 14: Rigor, abertura e tolerância são características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar. O rigor na argumentação, que leva em conta todos os dados, é a barreira às possíveis distorções. A abertura comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito às idéias e verdades contrárias às nossas.

Artigo Final: A presente Carta Transdisciplinar foi adotada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, que visam apenas à autoridade de seu trabalho e de sua atividade.

Segundo os processos a serem definidos de acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, o Protocolo permanecerá aberto à assinatura de todo ser humano interessado em medidas progressistas, de ordem nacional e internacional para a aplicação de seus artigos na vida.

Bibliografia de referência :

- BACHELARD, G. *Le nouvel esprit scientifique*. Paris: PUF, 1934.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*, trad.: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BASTIDE, R. *Antropologia aplicada*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 7ª ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2002.
- CASTELLS, M. *A Era da informação: economia, sociedade e cultura* (v.1- *A sociedade em rede*; v.2 - *O poder da identidade*; v.3 - *Fim de milênio*). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAUÍ, M. S. *O discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1969.
- DESCARTES, R. *Discurso do método; as paixões da alma*. (Os pensadores). 9ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DURAND, G. “A renovação do encantamento”. Revista da FEUSP. São Paulo: v.15, nº1, pp. 49-60, jan./jun.,1989.
- FOERSTER, H. von. “Notes pour une épistémologie des objets vivants”. In: *L’unité de l’homme*; 2. le cerveau humain. Colloque de Royaumont. E.Morin et Piatelli-Palmarini (éd.). Paris: Seuil, 1974 (Há tradução brasileira do Colóquio pela Cultrix/EDUSP).
- HOLTON, G. *La imaginación científica*. Mexico: FCE, 1989.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LAKATOS, I. (org.) *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1979.
- LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições* Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1977.
- _____. *A entrada na vida*. Lisboa: Edições 70, 1975.
- MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- MARCUSE, H. “Industrialisation et capitalism chez Max Weber”. *Culture et Société*, Paris: MINUIT, 1970.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.
- _____. *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1979.
- _____. *Le paradigme perdu: la nature humaine*. Paris: Seuil, 1973.

_____. *La Méthode*: 1. la nature de la Nature; 2. la vie de la Vie; 3. la connaissance de la Connaissance: 1. anthropologie de la connaissance; 4. les idées. Paris:Seuil, de 1977 a 1991.

MORIN, E. & LE MOIGNE, J. L. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, E. & PALMARINI, P. (org.) *Unidade do homem: para uma antropologia fundamental*. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1978.

PAULA CARVALHO, J.C. “Etnocentrismo, inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas”. *Interface: comunicação, saúde, educação*. Núcleo de comunicação da Fundação UNI, v.1, nº1, Botucatu: Fundação UNI/Unesp, 1997, pp181-185.

_____. *Antropologia das organizações e educação: um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

PRIGOGINE, I. et STENGERS, I. *Entre le temps et l'éternité*. Paris: Fayard, 1988

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986

RORTY, R. *Escritos filosóficos I: Objetivismo, relativismo e verdade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

_____. *A filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SCHÜTZ, A. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1978.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, M. *Essais sur la théorie de la science*. Paris: Plon, 1965.